
Do logro ao lucro & A parceria da liberdade - Algumas reflexões em torno de: *Mandrágora*, *Tartufo*, *O Inspetor Geral* e *Hernani*

Otávio Cabral
Doutor. UFAL

Resumo: O texto propõe uma interlocução entre a literatura dramática e o comportamento malandro, através das peças teatrais *Mandrágora*, de Maquiavel, *Tartufo*, de Molière, e *O Inspetor Geral*, de Gogol, procurando demonstrar a indissociabilidade entre logro e lucro como sendo faces da mesma moeda. Por outro lado, promovemos também uma análise da peça *Hernani*, de Victor Hugo, que se junta ao conjunto das outras peças por expressar em particular o tema liberdade, como forma expressiva do ser humano de convivência entre os iguais, a qual é expressa nessa peça para exprimir o desejo individual de Victor Hugo em seu clássico rompimento com os princípios expressos pelo movimento classicista.

Palavras-chaves: Logro. Lucro. Malandragem. Liberdade.

Introdução:

Este Projeto foi construído durante os dois anos em que permaneci em Brasília no estágio pós-doutoral, junto à UNB, sob a supervisão do Prof. Dr. Sidney Barbosa, do Programa de Pós – Graduação em Literatura.

As reflexões aqui contidas fazem parte do meu universo de pesquisa em torno da malandragem que, de certa forma, dão sequencia aos estudos contidos nos meus livros *Teatro da Fome* e *O Riso Subversivo*, cuja

percepção das relações sociais, nas sociedades orientadas para o consumo, nos levam à conclusão de que logro e lucro são faces da mesma moeda e se ajustam ao comportamento adotado pelo mundo moderno de que a busca da vantagem de um indivíduo sobre outro é a meta primordial a ser seguida.

Nossos estudos a esse respeito transitaram pelo universo da literatura dramática, como forma de contribuição aos nossos discentes, analisando textos teatrais sob a ótica da crítica social.

Escolhemos para nossas análises as peças *Mandrágora*, de Maquiavel; *Tarftufo*, de Molière; *O Inspetor Geral*, de Maquiavel e Hernani, de Victor Hugo. As três primeiras seguem a mesma linha de raciocínio, já a peça de Victor Hugo foi observada sob a ótica da liberdade como elemento intrínseco à convivência entre os seres humanos.

A peça de Maquiavel foi escrita muito mais como um desabafo para dar vazão ao seu estado de espírito, desgostoso que estava com os rumos políticos de seu país e com o desprestígio em que vivia mergulhado; mais que qualquer outra coisa, reflete os descaminhos de uma Itália invadida e subjugada.

A vida de Molière constituiu sempre uma cruel luta contra o obscurantismo da Igreja e o conservadorismo da elite francesa. Luta de um plebeu na tentativa de equilibrar-se sobre o tapete real tecido pelo pai e pelo avô e que à sua passagem sempre o puxavam.

Se na peça de Maquiavel, *A Mandrágora*, ambientada no século XVI, a estrutura da sociedade está deteriorada por conta do jogo de interesses individuais manifestos, na qual as pessoas sem distinção procuram sempre obter vantagens, em *O Inspetor Geral*, Gógol vai nos revelar os indivíduos obtendo vantagens a partir da deterioração na estrutura do setor público, o que equivale a dizer, primeiro, que houve uma evolução na prática da corrupção, ou seja, uma migração para a esfera pública, e segundo, que se faz possível a construção de um *link* entre um século e outro.

Estamos falando disso porque, em nossa análise, referimo-nos especificamente à França do século XIX, no período em que os classicistas estavam em declínio e o romantismo se instaurava como contraponto à rigidez

das regras clássicas. É exatamente nesse período em que Victor Hugo, membro ativo do movimento romântico, procura, através da dramaturgia, romper, como ele mesmo diz no seu prefácio do *Hernani*, com as “velhas regras de d’Aubignac” desejando que “elas morram com os velhos costumes de Cujas” que a seu ver limitavam o universo literário.

Considerações finais:

Como se observa em *Mandrágora*, estamos diante de personagens, na sua grande maioria, envoltas no universo da malandragem, do logro e do lucro, seja ele pecuniário ou não. A lógica que parece reinar para alguns é aquela do “arranjar-se”, de que nos falou Antonio Candido através da Dialética da Malandragem. E é justamente essa lógica, a de que o indivíduo tem de se dar bem, não importa como, que irá marcar o mundo moderno.

Já em *Tartufo*, a personagem ao se ver desmascarada, antevendo a possibilidade de ver cair por terra todos os ganhos já garantidos, numa última cartada, faz uso da esperteza como estratégia de sobrevivência.

Em Gogol A dimensão ética das personagens encontra-se em pleno desacordo com aquilo que julgamos ser fundamentos ideais para as condutas humanas. Aliás, o que não se encontra em *O Inspetor Geral* são personagens honestas; todas, estão sempre envolvidas com algum tipo de falcatrua, colaborando com a prática ou, na melhor das hipóteses, sendo coniventes com o logro.

A bem da verdade, tribute-se à Revolução Francesa a enorme expansão dos gêneros populares, em razão de ter aberto os teatros para as grandes massas populares. Essas classes, ao afluírem em grande número, determinavam o êxito das peças representadas.

De certa forma, esse duelo envolvendo a linguagem culta e a linguagem popular, que se materializa através do confronto entre o teatro literário e o teatro *boulevard*, vem corroborar a teoria hugoana a respeito da relação dialética na vida e na arte.

Referências Bibliográficas:

ABENSOUR, Gérard. **Vsévolod Meierhold, ou A invenção da encenação**. (Tradução de J. Guinsburg et al.). São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARAUJO, Rafael. A Mandrágora: poder, liberdade e condição humana. In: **Arte e Política**. CHAIA, Miguel (Org.). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

ARISTÓFANES. **A Greve do Sexo** (Lisístrata) / **A revolução das Mulheres**. (Tradução e Introdução de Mário da Gama Kury). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

ARISTÓTELES. **Poética**. (Tradução de Eudoro de Souza). S. Paulo: Ars Poética, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**: volume único (edição organizada por Ivo Barroso); Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. (Equipe de tradução: Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Junior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade.) São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BENTLEY, Eric. **O dramaturgo como pensador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BERGSON, Henri. **O Riso**. (Tradução de Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERMANN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade**. (Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CHAIA, Miguel. **Arte e Política**. Rio de Janeiro: Azougue Editoria, 2007.

CARLSON, Marvin. **Teorias do Teatro**. (Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza), São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

CAVALIERE, Arlete. **Teatro Completo – Nikolai Gógol**. (Organização, Tradução, Prefácio e Notas de Arlete Cavaliere). São Paulo: Ed. 34, 2009.

DIDEROT, Denis. **Discurso sobre a poesia dramática**. (Tradução, apresentação e notas de Franklin de Mattos). São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

GÓGOL, Nicolai. **Teatro Completo**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GÓGOL, Nicolai. **À saída do teatro depois da apresentação de uma nova comédia e Avenida Niévski**. (Tradução de Arlete Cavaliere). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GREGORICH, Luis; ROMANO, Eduardo. **Historia de la literatura mundial**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1969/1978.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HELIODORA, Barbara. **Caminhos do teatro ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HUGO, Victor. **Hernani**. (Tradução de Hilário Correia). São Paulo: Editora das Américas S/A, 1959.

HUGO, Victor. **Do Grotesco e do Sublime** – Tradução do “Prefácio do Cromwell”. (Tradução e Notas de Celia Berretini). São Paulo: Perspectiva, 1988.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LESSING, Gotthold Ephraim. **De Teatro e Literatura**. São Paulo: WPU, 1991.

MACEDO, José Rivair. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Editora Unesp, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. **A Mandrágora**. (Tradução de Pedro Garcez Ghirardi); São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEYERHOLD, Vsévolod. **Do Teatro**. (Tradução e Notas de Diego Moschkovich; Prefácio de Béatrice Picon-Vallin). São Paulo: Iluminuras, 2012.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. (Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção); São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MOLIÈRE. **Tartufo**. (Tradução e adaptação de Guilherme Figueiredo). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975

MORETTO, Fulvia, BARBOSA, Sidney. **Aspectos do teatro ocidental**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PLAUTO. **Comédias**. S. Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RODRIGUES, Antonio Medina. **As Utopias Gregas**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROUBINE, Jean-Jacques. **Introdução às grandes teorias do teatro**. (Tradução de André Telles). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1957.